

## MEMÓRIA, IMAGENS E NARRATIVAS: PERCEPÇÕES E APROPRIAÇÕES DO PROJETO “O MUSEU VAI À ESCOLA” - MAPRO/JUIZ DE FORA

Ana Maria da Costa Evangelista<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A presente comunicação constitui-se da análise do trabalho desenvolvido na Fundação Museu Mariano Procópio/MAPRO, de Juiz de Fora, intitulado: “O Museu Vai à Escola”. Nela, são apresentados os resultados parciais de um estudo relacionado às práticas docentes de professores de História, realizado na Escola Estadual Mercedes Nery Machado. O texto foi dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresento a justificativa para esse projeto e um pouco da história do MAPRO. Também abordo as práticas didáticas desenvolvidas pela equipe pedagógica que fazia parte do museu naquele momento. Na segunda seção, reflito sobre os pressupostos teóricos que balizaram minhas análises. Na terceira seção, enfoco, especificamente, o trabalho interdisciplinar realizado na E.E. Mercedes Nery Machado, procurando elencar as experiências subjetivas e as práticas eficazes para o ensino de História.

Em minha trajetória de pesquisa, a relação entre o pesquisado e o que pretendo pesquisar começa pela reflexão sobre o sentido da palavra “museu”. Se considerarmos a acepção latina da palavra, veremos que *museum* denota “biblioteca, lugar de estudo”. Se, porventura, detivermo-nos na origem grega do vocábulo, concluiremos o significado de “altar para as Musas”. Ora, as musas eram as filhas de Zeus com Mnemosine, a deusa da memória. Nessa etimologia, acredito ter a explicação para o esboço da trajetória inicial da presente pesquisa e, também, para seu elo com minha trajetória acadêmica. Continuo trilhando os caminhos do que Pierre Norá definiu como “lugares de memória” (NORÁ,

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professora na Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

1993, p.7). Assim, o interesse pelos processos rememorativos que orientou minha dissertação de mestrado (EVANGELISTA, 2007) e minha tese de doutoramento (EVANGELISTA, 2012) continua sendo fulcral para a nova empreitada. A isso, acresce-se o papel de biblioteca, ou de lugar de estudo, que os museus podem representar.

## O MAPRO E OS PROJETOS DE EXPOSIÇÕES ITINERANTES

Para traçar um panorama do que pretendo realizar nesta pesquisa, considero relevante contar uma breve história do Museu Mariano Procópio. Do mesmo modo, avalio ser importante listar trabalhos com focos similares aos do presente estudo, ainda que tenham abordado períodos e lugares históricos diferentes do que pretendo analisar<sup>2</sup>. O MMP foi criado em 1921, a partir da coleção particular de Alfredo Ferreira Lage, e contempla acervo diversificado e rico, abrangendo mais de 45 mil peças. Segundo Christo:

Doado em 1936 ao município de Juiz de Fora, o Museu Mariano Procópio apesar do significativo acervo não desenvolveu atividades de pesquisa próprias. O quadro de funcionários nunca abrigou pesquisadores, tampouco foi responsável por publicações divulgando o acervo; apenas em 2006 editou-se pelo Banco Safra o primeiro catálogo. As condições de pesquisa no Museu sempre foram muito precárias, não dispendo a instituição das informações mínimas sobre as peças e de instalações apropriadas para receber o pesquisador, o que desestimula a pesquisa, sobretudo discente.” (CHRISTO, 2011, p. 1-15)

As observações de Carina Costa, em sua tese de doutorado defendida na FGV, esclarecem que, “atualmente, o Museu encontra-se fechado à visitação e à pesquisa, após atravessar um vigoroso processo de revitalização” (COSTA, 2011, p. 20). Esse processo de recuperação,

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao trabalho realizado pelo professor doutor Mario Chagas, no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS/UNIRIO, que refletiu sobre percepções e receptividades do público jovem em relação aos museus.

“iniciou-se na gestão do diretor Francisco Antônio de Mello Reis (2005-2009) e envolveu, dentre outras ações, a reforma do Parque Mariano Procópio, a restauração de parte do acervo e das fachadas e dos telhados dos prédios. Além disso, houve a estruturação da Fundação Museu Mariano Procópio, com a aquisição da Sede Administrativa, contratação de funcionários e centralização dos processos de captação e gestão orçamentária.” (COSTA, 2011, p. 20)

De acordo com Costa, a despeito dessa revitalização, o MAPRO ainda enfrenta “a tarefa de ser relevante do ponto de vista social, além de conhecer sua própria história para ressignificar seu discurso museológico e suas interlocuções político-sociais” (idem, *ibidem*).

O foco central da tese de doutoramento de Carina Costa consistiu na análise do trabalho da diretora Geralda Armond, no interstício de 1940 a 1980. A referida autora aponta que seu “trabalho procura acompanhar como se desenvolveram os contatos da instituição com o campo político e intelectual, tendo em vista a construção de estratégias para sua manutenção, crescimento e divulgação, o que implicou negociações de vários tipos” (idem, *ibidem*). Ela ainda adverte que a diretora do então Museu Mariano Procópio, Geralda Armond, desenvolveu relevante tarefa no que tange à “adoção de práticas educativas, capazes de atrair o público e dialogar com a formação de um código disciplinar e pedagógico da história no Museu” (idem, p. 23). Nas reflexões de Costa, o MAPRO,

“como uma instituição fortemente marcada pelo caráter privado de suas origens, demonstra dificuldades para se inscrever no universo das instituições públicas. Arraigado no culto a seu fundador, o colecionador Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), o MMP oblitera as tentativas de circunscrever-se em um panorama de pesquisa que propicie o estabelecimento de relações com diferentes e múltiplos interlocutores e contextos históricos.” (idem, *ibidem*)

Uma vez salientadas as partes das pesquisas sobre as especificidades históricas do MAPRO, passo a detalhar o projeto em questão, o qual nos remete ao trabalho que

vem sendo realizado, desde 2012, pela equipe pedagógica da instituição. Denominado “O Museu Vai à Escola”, esse projeto teve início em setembro de 2012,

“com o objetivo de sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da cidadania, integrando momentos de formação e conhecimento, que estimula uma aproximação com a cultura, a relação com a comunidade e o incentivo a criação de hábitos culturais.” (BOLETIM MAPRO, 2013, s.p.)

“O Museu Vai à Escola” é um projeto itinerante e, segundo a equipe pedagógica, tem apresentado “ótima aceitação, não só entre os professores e alunos, mas também junto aos moradores da comunidade onde a escola está inserida”. Seus executores consideram relevante analisar que “são poucas as pessoas que já tiveram oportunidade de entrar em uma galeria de arte para apreciar uma exposição”. Assim, “levar a mostra até a comunidade escolar é uma forma de levar conhecimento e cultura aos alunos, professores, pais e moradores locais que frequentam as escolas” (idem, ibidem). Uma das ações desse trabalho consiste em levar para determinadas escolas a exposição “Hipólito Caron – 150 anos de nascimento”, que reuniu a reprodução de nove obras do acervo do museu. Esta mostra foi promovida, inicialmente, no parque do MAPRO e na Associação de Belas Artes Antônio Parreiras (ABAAP), também situada em Juiz de Fora, Minas Gerais. Posteriormente, a exposição se tornou itinerante, tendo visitado escolas públicas, estaduais e municipais, escolas da rede federal de ensino e escolas particulares<sup>3</sup>. Todavia, cumpre ressaltar que essa não é a única ação desenvolvida pela equipe pedagógica do MAPRO<sup>4</sup>. O próprio projeto de Museu Itinerante nasceu como desdobramento de um encontro de educadores promovido pela Fundação Museu Mariano Procópio, em 2012.

---

<sup>3</sup> Escolas que já receberam a exposição itinerante: Escola Municipal Cecília Meireles; Escola Municipal João Guimarães Rosa; Escola Municipal Augusto Gotardelo; Escola Municipal Georg Rodenbach; Colégio de Aplicação João XXIII; Escola Municipal Fernão Dias Paes; Escola Estadual Francisco Bernardino; Escola Estadual Antônio Carlos; Escola Municipal Vereador Marcos Freesz; Colégio Tiradentes; Escola Municipal Rocha Pombo. Outras escolas estão listadas para a realização desse trabalho.

<sup>4</sup> No projeto elaborado pela atual equipe pedagógica do MAPRO, a aproximação entre o museu e a comunidade é fundamental, pois as instituições museológicas podem promover a identidade local e criar espaços favoráveis ao diálogo, ao reconhecimento e à solidariedade entre os grupos sociais. Sob tal ótica, a Fundação Museu Mariano Procópio elabora e desenvolve projetos educativos que são direcionados aos diferentes públicos. O museu oferece à comunidade local:

## PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

*A narrativa (...) é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa narrada na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*

Walter Benjamin

Chagas narra que Walter Benjamin “visitou a casa museu de Goethe e sonhou”. De forma apropriada, o autor assinala que, por essa vereda, “as casas museus podem ser compreendidas” como espaços que “propiciam sonhos de casas e que unem universos individuais e particulares com universos coletivos.” (CHAGAS, 2010, p. 6)

- 
- **Clube Ecológico:** projeto de educação ambiental com o objetivo de desenvolver atividades lúdicas com crianças entre 6 e 12 anos.
  - **Oficinas Temáticas:** projeto com o objetivo de aproximar o público infantil do museu, do parque e do seu acervo por meio de atividades dinâmicas e lúdicas. Público-alvo: crianças de 7 a 10 anos.
  - **Visitas guiadas:** visitas realizadas por guias que abordam os elementos naturais e históricos do parque do Museu Mariano Procópio.
  - **Noite no Museu:** projeto inspirado na “Noite europeia dos museus”. Busca ampliar as possibilidades de ação no espaço museológico, atraindo crianças e adultos.
  - **Visitas técnicas:** têm como objetivo apresentar o acervo e as atividades desenvolvidas nos setores do Departamento de Acervo Técnico da Fundação Museu Mariano Procópio, a fim de promoverem o conhecimento sobre o museu. Público-alvo: estudantes de instituições de ensino superior e profissionais de áreas diversas.
  - **Semana Nacional de Museus e Primavera dos Museus:** projetos promovidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) com o objetivo de sensibilizar os museus e a comunidade sobre temas da atualidade. Os eventos são de caráter nacional, e o Museu Mariano Procópio participa deles, oferecendo à sociedade uma ampla programação com palestras, exposições, shows musicais, atividades educativas e outras ações que reúnem crianças e adultos no museu.
- Além dessas ações educativas, a instituição promove, ainda, outros eventos, tais como “Férias no Museu”, “Diversão no Museu”, “Carnaval no Museu”, “Encontro Mundial de Pintura ao Ar Livre” etc.

Cury afirma existir “um modelo emergente de comunicação museológica que entende a comunicação como parte integrante da cultura.” (CURY, 2007, p.79) Nessa nova dinâmica cultural, “que se faz permanentemente dentro ou fora do museu”, a participação, quer individual, quer coletiva, (re)significa o processo cultural e entende comunicação como interação. Nela, o modelo linear “emissor-receptor é rompido e substituído por uma proposição dialógica que permita a negociação do significado da mensagem.” (idem, ibidem)

As diversas instituições museológicas, na atualidade, consideram importante sua comunicação com o público. A referida autora afirma, com propriedade, que os grupos sociais são os agentes que dão sentido e vigor ao ambiente dos museus, porquanto serem espaços de trocas e aprendizados. Com efeito, comunicar significa levar o público para dentro do museu. Esse estímulo torna-se eficaz na discussão sobre o significado do patrimônio cultural. Nesse sentido, a presença pela presença na instituição não é suficiente. O que se busca é um processo de ressignificação cultural que, por sua vez,

“(...) é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu, e indivíduo exercendo a democracia.” (idem, ibidem)

Mikhail Bakhtin, segundo Beth Brait (2005), tem balizado uma reflexão teórica transdisciplinar nas áreas de educação, história, antropologia e psicologia. Peter Burke descreve Bakhtin como “um dos teóricos culturais mais originais do século XX” (BURKE, 2005). Valorizando a natureza social da fala em detrimento de sua individualidade, Bakhtin estabelece um laço indissolúvel entre o enunciado, as condições de comunicação e as estruturas sociais. A palavra torna-se, nesse sentido, uma arena em que valores sociais contraditórios se confrontam. A comunicação verbal, indissociável de outras formas de comunicação, é prenhe de conflitos e relações de dominação, adaptação ou resistência à hierarquia. Compreender a ação física do homem é, para Bakhtin, compreender seus atos através de sua expressão sócio-cultural. Assim, ele analisa a enunciação e a interação verbal pelo viés das relações entre linguagem-história-sociedade e entre linguagem e ideologia. Nesse prisma, um texto, quer como objeto de significação, quer

como objeto de uma cultura, tem seu sentido relacionado ao contexto sócio-histórico de sua produção.

A reflexão exposta anteriormente destaca um dos pilares do pensamento bakhtiniano, qual seja o dialogismo. Para o autor, dialogia é, antes de tudo, uma concepção de linguagem e de mundo. Por isso, o discurso dialógico se dá por meio da interação verbal estabelecida entre enunciador e enunciatário no espaço de um texto/contexto. Essa relação dialógica – que opera em constante movimento, compreendendo uma contrapalavra ao enunciado – nem sempre reflete consenso ou harmonia. Nem mesmo é desprovida de conflitos, tendo em conta as diferentes vozes sociais engendradas em um processo histórico. Essas múltiplas vozes, no dizer de Bakhtin, constituem a polifonia. Elas regerão os embates decorrentes da tensão dialógica existente nos vários discursos sociais. O dialogismo é, sobretudo, condição para constituição da linguagem e do sentido do discurso. Contrapondo-se ao discurso dialógico, encontra-se o discurso monológico, que rege a ideologia de determinadas culturas e que redundará na expressão de uma só voz. Para Bakhtin, só o dialogismo permite, em seu devir, a constituição de um Simpósio Universal e a compreensão dos fenômenos históricos e sociais (BAKHTIN, 1998; 1997a; 1997b).

Considero bakhtiniana a lógica de Chagas e das políticas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, quando afirmam que “a proposta do museu enquanto espaço dialógico, reflexivo, crítico e construtivo é uma tendência estimulada pelas políticas públicas no Brasil.” (POLÍTICA, 2003 apud CHAGAS, 2010 p.52) Todavia, esse espaço dialógico precisa contemplar o processo inclusivo da sociedade, qual seja abarcar a polifonia preconizada por Bakhtin. Vale destacar, nesse caminho, as afirmações de Almeida:

“É preciso concentrar esforços na formação de público para os museus, visando especialmente à ampliação da base social que desfruta dos seus benefícios. As ações de inclusão social no museu não devem ser confundidas com o mero incremento de visitação, ou com a massificação de suas atividades, como tem sido frequente.” (ALMEIDA, 2006, s/página)

A pretensão desse projeto é avaliar como as ações desencadeadas pelo setor pedagógico do MAPRO têm contribuído para a apropriação de bens culturais nas camadas sociais a que se destinam.

No que tange à abordagem teórico-metodológica, cumpre assinalar que procurei seguir os caminhos da História Cultural ou História Social da Cultura, tão importante nas duas últimas décadas para a historiografia brasileira. Seu viés analítico reconhece que os grupos e as classes sociais não dominantes de determinada sociedade também são portadores de cultura. O método antropológico fundamenta os procedimentos da pesquisa que lança seu foco para as ideias, os valores e as apropriações das camadas populares, não se atendo à produção cultural monológica dominante. Sob esse prisma, o historiador da cultura busca a ressignificação de ideias, valores, sensações, vivências, padrões de comportamento e a maneira como as pessoas comuns se apropriaram e se apropriam da realidade social<sup>5</sup>.

## O MUSEU VAI À ESCOLA MERCEDES NERY MACHADO

Lev Vygotsky, semiólogo russo, analisando o trabalho de Tolstói com crianças camponesas semianalfabetas, relatou que o literato lia para as crianças e pedia que elas criassem a partir do que ouviam. Mesmo não dominando o processo da escrita e da leitura, elas realizavam, a seu modo, a interpretação dos textos lidos. Em suas observações,

---

<sup>5</sup> Entre os autores da História Social da Cultura, incluo: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1998; *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997; *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1997. VYGOTSKY, Lev. *A Construção do Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000; *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998; *La imaginacion y el arte em la infancia*. Ediciones Akal: Madrid, 2009, p. 61, (tradução livre do espanhol).

E ainda: BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Europa, 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1989; *Variadas de história cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000 e *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005; CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico”. *Estudos Históricos*, vol. 8, n. 16. Rio de Janeiro, editora da FGV, 1995; VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e História Cultural”. Em idem e CARDOSO, C.F. (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, 1997 e *Micro-história*. Os protagonistas anônimos da História. Rio de Janeiro, Campus, 2002.



Vygotsky questionou e tirou conclusões acerca dessa experiência, conforme nos mostra seu dizer:

“Como conseguiu Tolstói despertar nesses meninos, que até então ignoravam por completo o que era a criação literária, essa complexa e difícil forma de expressão? Os meninos começaram a criar coletivamente: Tolstói lhes contava, e eles repetiam a seu modo.”<sup>6</sup> (VIGOTSKY, 2009, p. 61)

O trabalho realizado por Tostói, denominado por Vygotsky de intermediação, pode acontecer em locais onde se pretenda desenvolver hábitos de formação cultural. A experiência tolstoiana, assim como os fundamentos da História Social da Cultura, foram as lentes que me conduziram durante o desenvolvimento desse projeto. São essas experiências e suas especificidades na Escola Estadual Mercedes Nery Machado o teor do que apresento a seguir.

Em um primeiro momento, a equipe pedagógica do Museu Mariano Procópio visitou a escola e acertou com a direção e os professores o local onde as telas seriam expostas. Em seguida, os professores envolvidos no projeto se reuniram e registraram o que trabalhariam em cada disciplina<sup>7</sup>. Essa forma interdisciplinar de trabalho abrangeu vários conteúdos. Assim, em História, trabalharam-se os dados biográficos de Hipólito Caron. Destacou-se sua participação no grupo Grimm, que preconizava a pintura de paisagens diante da natureza e procurou-se relacionar esse trabalho às questões atuais de sustentabilidade e preservação do planeta. Em Ciências, trabalhou-se a questão da febre amarela, traçando um paralelo com a epidemia de dengue que assola a cidade no cotidiano atual. Em Artes, a professora trabalhou com a releitura das obras feita pelos alunos, após a visita ao pátio da exposição. Em Língua Portuguesa, os alunos reponderam às indagações explicitadas a seguir: Você já foi a um museu? Como você vê um museu?

---

<sup>6</sup> Tradução livre do espanhol.

<sup>7</sup>As telas itinerantes expostas relacionavam-se com os 150 anos de nascimento de Hipólito Caron. Esse pintor, radicado em Juiz de Fora, estudou na Europa e teve sua trajetória artística interrompida pela morte precoce, nos primeiros anos da República.

Você conhecia o Museu Mariano Procópio? O que mudou em seu conceito de museu após seu contato com a exposição “Hipólito Caron – 150 anos de nascimento”?

As fotos, a seguir, são uma sinopse da exposição itinerante.

## Museu vai à Escola: Hipólito Caron



“Sabará, Trecho de paisagem”



“Retrato do Juiz Dr. Joaquim Barbosa” (esquerda);  
“Retrato de Rita de Cássia Tostes (direita)



“Alegoria à Tragédia” (esquerda); “Alegoria às Artes” (direita)



“Trecho de paisagem com rio” (no alto à esquerda); “Poço Rico” (no alto à direita)  
“Pedreira do Paraíbauna” (embaixo à esquerda) “Trecho de paisagem com casas” (embaixo à direita)

Considerando a imagem como polifônica - bakhtinicamente falando -, vale observar que a interpretação da exposição feita pelos alunos, quer em textos, quer na reprodução em desenhos, teve nuances e contornos diversos.

No que tange ao questionário distribuído, inicialmente as respostas foram analisadas de forma quantitativa. De um total de 240 alunos entrevistados, 70% disseram nunca terem ido a um museu e 30% disseram conhecer o museu, mas nunca terem visitado uma exposição de obra de arte. Quanto à pergunta sobre o que mudou em seu conceito de museu após seu contato com a exposição “Hipólito Caron – 150 anos de nascimento”, na grande maioria, ou seja, 85% dos entrevistados responderam que passaram a ter uma conexão maior com o passado, assim como tiveram oportunidade de conhecer mais a História de Juiz de Fora. Para complementar as atividades na disciplina, os alunos trouxeram pesquisas e relatos sobre a vida e a obra de Hipólito Caron e sobre o grupo Grimm<sup>8</sup>, ao qual ele pertencia.

O trabalho de releitura em Artes foi orientado com base na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa<sup>9</sup>, cuja tríade é: conhecer a História; fazer arte; saber apreciar uma obra de arte. A abordagem triangular também se fundamenta em elementos da pedagogia de Paulo Freire, e esses pressupostos conduziram o professor no desenvolvimento. Devido às dimensões desse texto, não é possível apresentar todos os trabalhos realizados. Por isso, selecionou-se uma pequena amostragem, representada a seguir, contemplando trabalhos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II.



Figura 1 - Tainara Silva  
E.E. Mercedes Nery Machado



Figura 2 - Daniel Rodrigues

<sup>8</sup> Johann Georg Grimm nasceu em Kempten, Alemanha, em 1846. Em 1878, veio para o Brasil. Rompeu com o ensino acadêmico e revolucionou ao levar os alunos a pintarem paisagens ao ar livre. Hipólito Caron foi seu aluno, e sua obra reflete as características desse grupo.

<sup>9</sup> Ana Mae Barbosa é pernambucana e sua abordagem triangular traz para o ensino de Artes elementos da pedagogia de Paulo Freire.



Figura 3 - Maria Carolina Santos  
E.E. Mercedes Nery Machado

E. E. Mercedes Nery Machado



Figura 4 - Dara Souza  
E.E. Mercedes Nery Machado

Os desenhos nos mostram como os alunos reagiram de forma polifônica às obras de Caron. Também trazem à luz diferentes formas e cores de avaliar o que viram. Vale observar que a maioria absoluta das releituras feitas versou sobre o caráter paisagístico da obra de Caron. Nenhum dos alunos reproduziu os retratos pictóricos que faziam parte da exposição. Essa ausência pode ser justificada pelo grau de dificuldade na reprodução desse tipo de tela ou ainda pelo entusiasmo dos alunos pelo grupo Grimm e sua defesa de pintura de paisagens junto à natureza.

Quanto ao uso da linguagem escrita para retratar a atividade proposta, os trabalhos elencados são de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, dos quais se coloca também apenas uma pequena amostragem. As respostas denotaram, além da polissemia, o trabalho de intermediação dos professores. Optou-se pela correção ortográfica feita em conjunto, alunos-professores. Na presente seleção, levaram-se em conta as respostas consideradas como mais completas e originais, além da capacidade de expressão verbal. Pela voz dos alunos, convido o leitor a considerar os ganhos pedagógicos da atividade realizada.

A aluna Karina Gonçalves, do 9º ano, disse: “Tive conhecimento do que se passava em minha cidade no período em que viveu Hipólito Caron, através de suas telas. Aprendi, também, a interpretar obras e me senti como se tivesse descoberto um tesouro”. O aluno Gustavo Nascimento de Andrade afirmou: “Pude presenciar fatos de minha cidade ocorridos tempos atrás. Aprendi a interpretar uma obra de arte e o quanto ela é

importante para se entender o passado”. Já Vanessa Vasconcelos avaliou: “A arte é bela e nos dá oportunidade de adquirir cultura. As telas dessa exposição nos ensinaram sobre o passado e nos surpreenderam quanto ao modo de vida em Juiz de Fora antigamente”. Joyce Pacheco ponderou: “Tive oportunidade de conhecer as obras de Hipólito Caron, um pintor pouco conhecido. Gostei muito de conhecer a época em que ele viveu através de suas obras”. E, ainda, Nicole Teodoro Costa acrescentou:

“Aprendi mais sobre o passado de Juiz de Fora. Também descobri que possuímos talentos, como o de Hipólito Caron, que muitas vezes se encontram desconhecidos da maioria das pessoas. Mas, nesse trabalho, aprendi, principalmente, sobre o respeito às obras de arte que devem ser preservadas, e não destruídas, para que a cultura e a memória possam ser compartilhadas conosco no presente.”<sup>10</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A E.E. Mercedes Nery Machado está localizada em Juiz de Fora, Minas Gerais, no Bairro Santa Terezinha. A escola estadual possui 730 alunos (segundo dados do Censo Escolar), divididos entre o Ensino Fundamental I e o Ensino Fundamental II. Sua localização em um bairro de classe média não a blindou dos bolsões de carência e pobreza costumeiros às cidades brasileiras com população acima de 500 mil habitantes, como é o caso de Juiz de Fora. Assim, entre o alunado encontra-se uma heterogeneidade socioeconômica, com prevalência para os mais pobres. Apesar de nível social, a atuação do corpo docente e da equipe diretiva torna-a referência nas avaliações de pais, alunos e comunidade, além daquelas feitas por órgãos externos.

A atividade pedagógica proposta pelo projeto “O Museu Vai à Escola”, realizada na E.E. Mercedes Nery Machado, demonstrou grande ganho cultural para os alunos. Como se evidenciou, anteriormente, a grande maioria desses alunos, oriunda das camadas

---

<sup>10</sup> Entrevistas concedidas à Ana Maria da Costa Evangelista em junho de 2014.

mais baixas da população, não tem acesso a bens culturais. Também, não fazem parte de seu cotidiano visitas a museus ou a exposições de arte. No caso específico dessa escola, evidenciou-se que o projeto foi eficaz quanto ao seu objetivo principal: divulgar a vida e a obra de Hipólito Caron. Não se passava pela escola sem que se percebesse o envolvimento dos alunos e seu interesse pelo assunto. A forma prazerosa com que estes desenvolveram as atividades propostas pode ser evidenciada nos desenhos e nos relatos. Deve-se destacar, porém, que o trabalho de mediação dos professores tornou-se ferramenta indispensável para que a exposição alcançasse os objetivos propostos. Caminhou-se no desenvolvimento dessa atividade na direção dos pressupostos de Vygotsky, em que o professor atuou como mediador e estimulador da aprendizagem que, efetivamente, ocorreu.

Por fim, mas não menos importante, cabe registrar que essa atividade era parte de meu projeto de pós-doutorado, aceito pelo Centro de Documentação e Pesquisa, CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, mas que teve que ser interrompido em virtude da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais não ter autorizado meu afastamento para desenvolvê-lo. A alegação foi de que o plano de carreira de professores do Ensino Básico não contempla o nível pós-doutor.

Além disso, cumpre ressaltar que o projeto desenvolvido pelo MAPRO também foi abortado em função da troca dos gestores na administração municipal.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 104-116.

ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. Museus e Público Jovem: Olhar o Fundo da Caixa de Pandora. *Revista Museu - cultura levada a sério*, 2006. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/> Acesso em: julho de 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 1997.

BAQUERO, Ricardo. *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A Imagem no Ensino da Arte*. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRAIT, Beth, (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Europa, 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro e VANIFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAZELLI, Sibebe; Franco, Creso. *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: Quais as Relações?* Rio de Janeiro, 2005. 260p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CHAGAS, Mário de Souza. *A poética das casas museus de heróis populares*. Editorial: Edição nº 4, ano II. Unirio / IBRAM. Rio de Janeiro/RJ.

\_\_\_\_\_. *Museu: coisa velha, coisa antiga*. Rio de Janeiro: Unirio, 1987.

\_\_\_\_\_. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1994.

CHAGAS, Mário de Souza; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; ENEILE, Morgana; SOARES, Newton Fabiano; STUDART, Denise Coelho. Imagens do Museu: Percepção de Estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do Estado do Rio de Janeiro. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 41, p. 255-270, 2009.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico”. *Estudos Históricos*, vol. 8, n. 16. Rio de Janeiro, editora da FGV, 1995.

CHRISTO, Maraliz de C. V. “O esquiteamento de uma obra: a rejeição ao Tiradentes de Pedro Américo”. *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora: EDUFJF, dez.1998, p. 143 a 166.

\_\_\_\_\_. *Pintura, história e heróis: Pedro Américo e "Tiradentes esquiteado"*. Campinas, 2005 (Tese de doutoramento em História, UNICAMP).

\_\_\_\_\_. “*Museu Mariano Procópio: Histórico e acervo*” EDITAL PNPd, p 1-15, UFJF, Juiz de Fora, 2011.

COSTA, Carina Martins. *Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas, FGV. Rio de Janeiro, 2011.

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. *Revista CPC - Centro de Preservação Patrimonial*, São Paulo, n°3, nov. 2006/abr. 2007. Disponível em: <[www.revistasusp.sibi.usp.br/](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/) Acesso em: julho/ 2013.

EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Sede de Leitura: memórias da Biblioteca Popular do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) no cotidiano de Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: FAGED/UFJF, 2007.

\_\_\_\_\_. *Arroz e feijão, discos e livros: história e memórias do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS (1940-1967)*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/ICHF, Departamento de História, 2012.

MAPRO, Fundação Museu Mariano Procópio. *Projeto Ações Educativas do Museu Mariano Procópio*.Org. FASOLATO, Douglas. Juiz de Fora 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “O museu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 5, n.º 8/9, set. 84/ ago.1985, p. 197-205.

\_\_\_\_\_. “A problemática da identidade cultural nos museus: de objeto (de ação) a objeto (de conhecimento)”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: MP, Nova Série, v.1, jan./dez., 1993, p. 207-222.



\_\_\_\_\_. “Do teatro da memória ao laboratório da História: A exposição museológica e o conhecimento histórico”. Anais do Museu Paulista. São Paulo: MP, Nova Série, v.2, jan./dez., 1994, p. 9-86.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLÍTICA Nacional de Museus - memória e cidadania. Brasília, DF: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2003.

RODRIGUES, Ana Ramos; SERRES, Juliane Primon. *Museu: memória e esquecimento, do individual ao coletivo*. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/mouseion>, Canoas, n. 14, abr. 2013. Acesso em julho de 2013.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu e Educação: conceitos e métodos*. Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto. Disponível em [www.rem.org.br/](http://www.rem.org.br/) Acesso em julho de 2013.

VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e História Cultural”. Em idem e CARDOSO, C.F. (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Micro história*. Os protagonistas anônimos da História. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A Construção do Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *La imaginacion y el arte em la infância*. Ediciones Akal: Madrid, 2009, (tradução livre do espanhol).

\_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.